

DISCURSO DE FUTUROS PROFESSORES INDÍGENAS ACERCA DAS CIÊNCIAS DA NATUREZA

Elias Antunes dos Santos¹

¹eliasantunes@unemat.br

Sérgio Camargo²

²s1.camargo@ufpr.br

Adailton Alves da Silva³

³adailtonbbg@unemat.br

Área de Concentração: Educação em Ciências

Linha de Pesquisa: Ensino e Aprendizagem de Ciências e Matemática

RESUMO: Apresenta-se aqui um projeto de pesquisa de natureza qualitativa que está sendo desenvolvido no âmbito da Educação Indígena que tem como objetivo fundamental analisar os discursos de futuros professores/alunos indígenas do curso de graduação em Ciências Matemática e da Natureza na Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI/UNEMAT) em Mato Grosso acerca do tema Ciências da Natureza. Para a leitura e interpretação dos efeitos de sentidos presentes nos discursos dos sujeitos envolvidos nesse processo serão adotados referenciais teórico-metodológicos embasados em documentos oficiais sobre a Educação Escolar Indígena e na Análise de Discurso de linha francesa, proposta por Michel Pêcheux (2016), bem como em noções derivadas dos estudos deste autor desenvolvidas no Brasil por Orlandi (2020; 2004). Espera-se que o projeto, envolvendo programas de Pós-Graduação em Mato Grosso e no Paraná, construam caminhos que estimulem a democratização e a divulgação do conhecimento científico em relação a formação de professores na educação superior indígena.

PALAVRAS – CHAVE: Educação indígena. Ciências da Natureza Análise de Discurso.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa visa contribuir no processo de Educação Escolar Indígena no Brasil em relação às Ciências da Natureza. Historicamente as pesquisas avançaram na área da antropologia, depois as ciências sociais, a linguagem e a linguística, quase ao mesmo tempo, esses foram os dois grandes focos. Quanto às ciências, os primeiros conteúdos a chegarem aos currículos escolares foram os da ciência universal e agora estamos passando por uma fase de resignificação da ciência em termos de currículo da Educação Escolar Indígena no Brasil. A escola tendo sua autonomia, conseqüentemente, fazendo valer sua autonomia de mundo além dos seus currículos, porém, é necessário que esses olhares sejam sistematizados para que cheguem aos currículos. Estudos e registros que levem em conta elementos da cultura dos povos indígenas (SILVA, 2017; SURUÍ; SILVA, 2021).

Desde 2001, A UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso), instituição na qual faço parte como docente, oferta cursos de graduação exclusivos para formação de professores indígenas. A partir de 2017 (Processo Número/Ano: 193/2017), por meio da Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI) aprovou o mestrado profissional, específico para

professores indígenas denominado de Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII). Nesse contexto, a FAINDI já formou mais de 570 professores em nível de graduação de diferentes povos indígenas em cursos de licenciatura intercultural em Mato Grosso.

No Estado do Paraná o estudo de Menezes, Faustino e Novak (2021) analisa os avanços e desafios da formação inicial de professores indígenas, cujo início em nível médio, ocorreu em 2006. Destacam que a organização de licenciaturas específicas aos povos indígenas é uma demanda que precisa ser discutida com os povos indígenas e executada no estado, uma vez que possibilitam um currículo que incorpore conteúdo das culturas e o respeito às formas de aprendizagem dos estudantes indígenas.

Os autores citam também que há discrepâncias que afetam a formação escolar das novas gerações indígenas: ao observar-se que nas 39 escolas estaduais indígenas do Paraná a maioria dos cerca de 800 professores que nelas atuam não são indígenas e que, entre os professores indígenas, 80% não tem formação superior e nem estabilidade no emprego, são contratados por meio de processos simplificados com contratos temporários. No Paraná, por meio da lei 13131/2001 que viabiliza a realização do vestibular específico envolvendo todas as Instituições de Ensino Superior (IES) públicas estaduais, a UFPR, formou cerca de 60 professores.

Diante do contexto, além de analisar os discursos dos professores/estudantes indígenas essa pesquisa visa também aproximar a FAINDI da UNEMAT e o Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e em Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR) no Paraná, nos temas relacionados a pesquisa na formação de professores indígenas envolvendo as Ciências da Natureza e Matemática.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS EM NÍVEL SUPERIOR NA UNEMAT

A UNEMAT tem contribuído para o fortalecimento da Educação Escolar Indígena específica e diferenciada no Estado de Mato Grosso e em nível nacional. Para tal, tem adotado práticas e ações específicas e adequadas visando a oferta de Educação Superior para povos indígenas (MEDEIROS; GITAHY, 2018).

Em 09 de julho de 2001 iniciava no país o primeiro curso de formação de professores/as indígenas em nível de graduação, experiência ocorrida no interior da UNEMAT. Com oferta modular em que os estudantes ficam na universidade nos períodos de recesso do calendário universitário regular e retornam para as aldeias, desse modo ocorrem atividades no tempo - aldeia/comunidade, em que os professores se deslocam para as aldeias, as chamadas etapas intermediárias (SILVA; FERREIRA; FERREIRA, 2017).

A partir de 2015, o 3º grau indígena passou a ser denominado de FAINDI e aprovou o mestrado profissional, específico para professores indígenas. A Universidade, com 44 anos de história, realiza oferta específica para formação de professor indígena há mais de 20 anos, além de reservar 5% das vagas em todos os cursos para estudantes indígenas, sendo a primeira universidade da América Latina a ofertar tal modalidade no Ensino Superior diferenciado. Hoje está na sua sétima oferta de graduação e quarta do mestrado. Nesse sentido, a execução de

cursos de formação com currículos específicos e diferenciados têm sido uma das ações da UNEMAT no campo da Educação Superior Indígena.

Na FAINDI, por meio da Diretoria de Gestão de Educação Indígena, os cursos de licenciatura são ofertados nas áreas de Línguas, Artes e Literaturas; Ciências Matemática e da Natureza; Ciências Sociais e Pedagogia Intercultural. Quanto a metodologia de funcionamento, os cursos obedecem a um regime especial e são desenvolvidos de forma intensa e presencial nos períodos de férias e recessos escolares, com atividades cooperadas entre docentes e cursistas nos períodos em que estes estão ministrando aulas nas escolas indígenas. Durante as etapas intermediárias, os estudantes desenvolvem atividades de Estágio nas escolas de suas aldeias, acompanhadas por professores da instituição, comumente, denominada de etapa intermediária. O projeto pedagógico dos cursos (PPCs) da licenciatura intercultural indígena é flexível e definido com ampla participação dos estudantes e demais envolvidos no contexto, partindo de pressupostos, como a afirmação da identidade étnica e valorização dos costumes, língua e tradições de cada povo (FAINDI, 2013).

PESQUISAS ENVOLVENDO AS CIÊNCIAS DA NATUREZA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS

Rosa e Lopes (2018), com objetivo de realizar um levantamento das publicações nacionais, no período 15 anos, de 2002 a 2017, sobre a formação de professores indígenas acerca das Ciências da Natureza, realizaram busca em bancos de dados de publicações (artigos, dissertações e teses) em Instituições de Ensino Superior no Brasil, constataram que dos 58 trabalhos encontrados, apenas dois trabalhos - uma dissertação e um artigo, apresentam relação direta com o tema Ciências da Natureza, ambos desenvolvidos no contexto da Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/UFMG).

Grupioni (2013) postula o lugar da antropologia no embate transdisciplinar e intercultural na formação de indígenas como professores nessa nova fase da política pública no Brasil que abandonou o modelo que imperou durante décadas. O pesquisador tece considerações críticas em relação a forma como canonizou-se a oferta de cursos de formação com duração de quatro a cinco anos em módulos, intensivos, em contextos multiétnicos envolvendo equipes pedagógicas sem vínculos com as comunidades.

O Pesquisador também tece críticas com relação ao tempo, uma categoria cara ao pensamento antropológico, considerado insuficiente para formar pesquisador. Afirma que o modelo de oferta não prioriza essa formação, isso limita a capacidade de produção de material didático pelos alunos/professores. Afirma também que o conhecimento indígena precisa ser sistematizado e formalizado para que possa ser trabalhado nas escolas, ele não está dado como comumente pode-se pensar. Faz também uma reflexão analítica a respeito dos processos de objetivação da noção de cultura, os sentidos práticos e políticos que passam ser de uso comum em disciplinas e fora da academia, incluindo representantes indígenas. Diante disso, chama a atenção da importância do diálogo com outros profissionais que atuam na formação de professores indígenas.

Silva e Teixeira (2018) por meio da Análise de Discurso investigaram, a partir de uma questão geradora, a percepção do papel do professor não indígena na sua formação acadêmica após o curso de Especialização em Docência em Educação Escolar Indígena no estado do Pará.

Os resultados evidenciaram que o indígena valoriza a interculturalidade pautada no respeito e reconhecimento dos saberes de cada povo.

Santa Rosa, (2018) ao pesquisar a formação de professores indígenas em Ciências da Natureza na região norte do Brasil a partir dos PPCs das Licenciaturas Interculturais e a visão dos representantes do movimento nacional de Educação Escolar Indígena, constatou que os saberes políticos nos PPCs estão mais presentes na formação geral que na específica em Ciências da Natureza.

METODOLOGIA

Esta pesquisa será realizada no contexto da FAINDI com um grupo de aproximadamente 20 estudantes/professores ingressantes em 2023 no curso de licenciatura em Ciências Matemática e da Natureza oriundos de diferentes povos em Mato Grosso. A ideia é iniciar a pesquisa em uma perspectiva de grupo, a partir das afinidades dos assuntos colocados em pauta poderá ser realizada pesquisa em um grupo focal. Por pertencerem a grupos culturalmente distintos, existe a possibilidade de pesquisar um determinado tema para todas as etnias presentes na turma ou diversos temas para uma mesma etnia.

A pesquisa será pautada na teoria da Análise de Discurso, é um método qualitativo de análise. Nessa metodologia de pesquisa, que tem como objetivo interpretar textos e tem como base o método histórico e dialético, de modo que a teoria em questão e o método filosófico e investigativo se relacionem, busca analisar a forma que as pessoas se expressam. O objeto da Análise de Discurso é o próprio discurso, Pêcheux (2016). Procuramos nos apoiar em conceitos e expressões oriundas da Análise de Discurso originada na França por Pêcheux e seus colaboradores. Essa linha de discurso francesa vem sendo divulgada no Brasil por Orlandi (2020, 2004) e outros pesquisadores.

Um discurso é sempre proferido a partir de condições de produção dadas, de um certo lugar no interior de uma formação dada, assim optamos por descrever de que lugar falamos nossos participantes, e em que condições se originou os discursos. Nessa metodologia toda manifestação de expressão parte de algum lugar que compreende diversos fatores como classe social, localidade geográfica, gênero, raça etc. Nesse contexto, a análise deve partir sempre da seguinte questão: “dentro desse discurso, o que se enxerga do contexto da pessoa que está se manifestando?” Quem são essas pessoas e de onde essas pessoas falam? (CAMARGO, 2007).

As aulas são ofertadas na UNEMAT por meio de etapas presenciais intensivas e nas etapas intermediárias em que os professores das disciplinas se dirigem às aldeias. Na etapa presencial os estudantes ficam alojados um mês nas proximidades da UNEMAT/FAINDI na cidade de Barra do Bugres-MT (SILVA; FERREIRA; FERREIRA, 2017). Esse convívio entre diferentes etnias é um espaço rico de troca de experiências entre eles, que ainda não foi realizado estudo de como se dá essa troca de saberes interculturais, essa é também uma possibilidade de se realizar a pesquisa. Nas etapas intermediárias os alunos em contato com o seu povo podem realizar discussões com seus alunos, anciões e outros representantes da comunidade, essa também é uma possibilidade dos alunos levarem questões para serem discutidas nesse período distante fisicamente da FAINDI e colaborar com a pesquisa. Existe também a possibilidade de o pesquisador realizar contato remoto com os alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do diagnóstico da pesquisa, investigando como os sentidos são produzidos pelos acadêmicos de licenciaturas do curso de Ciências Matemática e da Natureza será possível diminuir o silenciamento por meio dos diferentes pontos de vista em relação as visões das Ciências da Natureza, que ajude a lançar luz a assuntos até então não debatidos com a profundidade que merece em relação a Educação Escolar Indígena na formação de professores. Esperamos contribuir para elaboração de políticas públicas no que se refere a educação indígena em Mato Grosso. Ressignificar a autonomia da escola, fazer com que a leitura de mundo desses alunos indígenas seja reconhecida, com a sistematização dos olhares, construir compreensões acerca das Ciências da Natureza e incorporar nos currículos escolares.

Espera-se que essa pesquisa, em parceria com duas Instituições Públicas, uma em Mato Grosso e outra no Paraná, ajude a construir caminhos que estimulem a democratização e a divulgação do conhecimento científico em relação a formação de professores na educação superior indígena. Que possibilitem implementações em termos de currículo para as populações indígenas dos estados de Mato Grosso e Paraná. Que reflita/ressignifique o papel da ciência no mundo contemporâneo, a partir de espaços não tão formais de formação de professores e que contribua para os debates mais amplos relativos à democratização da sociedade e à melhoria das condições de existência dos indivíduos. Essa articulação da universidade, pode viabilizar o surgimento de propostas concretas e factíveis de intervenção na realidade, - temas centrais no debate atual sobre o papel das universidades, especialmente as públicas na busca de uma maior legitimidade junto à sociedade. Atentar para valorização dos conhecimentos indígenas em uma perspectiva canônica diferente da ciência ocidental.

AGRADECIMENTOS

A UNEMAT por intermédio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PRPPG) e a FAINDI

REFERÊNCIAS

CAMARGO, S. **Discursos presentes em um processo de reestruturação curricular de um curso de licenciatura em física: o legal, o real, e o possível.** 2007. 287 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências de Bauru, 2007.

FAINDI, **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciaturas intercultural Indígena.** Barra do Bugres, 2013. Disponível em:
http://portal.unemat.br/media/files/indigena/PPC_Licenciatura_Intercultural_2016.pdf Acesso em 09 de dezembro de 2022.

GRUPIONI, L. D. Quando a Antropologia se defronta com a Educação: formação de Professores índios no Brasil. **Pro-Posições.** Campinas, v. 24, n. 2, p. 69-80, 2013.

DOI: 10.5380/13ppgecm2023.resumo15p102-108

MEDEIROS, I. A.; GITAHY, L. Universidade e Educação Escolar Indígena: o 3º grau indígena para formação de professores. **História e Diversidade**, Cáceres, v. 10, n. 1, p. 137–151, 2018.

MENEZES, M. C. B.; FAUSTINO, R. C.; NOVAK, M. S. J. Formação inicial de professores indígenas: ações desenvolvidas no estado do Paraná. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, Número Especial, p. 910–925, 2021.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

ORLANDI, E. P. **Interpretação - Autoria, Leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso** (1969). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Tradução de Bethania S. Mariani. 5 ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do obvio (1975). Tradução Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* 5 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2016.

ROSA, S. S.; LOPES, E. Tavares. Tendências das publicações brasileiras sobre a formação de professores indígenas em ciências da natureza. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, Belém, v. 14, n. 32, p. 108-120, dez. 2018.

SANTA ROSA, S. C. **A formação de professores indígenas em Ciências da Natureza, na região Norte do Brasil**: algumas reflexões. 2018. 109 f. Dissertação (mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

SILVA, A. A. da. Educação Indígena - Espaço de vivências e convivências compartilhadas. **Com a Palavra, o Professor**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 3, p. 50–69, 2017.

SILVA, A. A. da; FERREIRA, W. A. de A.; FERREIRA, L. L. As Etapas Intermediárias como espaço de formação na Licenciatura Intercultural: interações e nexos entre Aldeia-Universidade. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 26, n. 62, p. 421-432, 2017.

SILVA, M. F.; TEIXEIRA, O. P. B. Educação superior indígena: análise do discurso do indígena sobre o papel do professor não indígena na sua formação acadêmica. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, v. 20, n. 4, p. 1036–1058, 2018.

SURUÍ, M.; SILVA, A. A. Marcadores de tempo do povo Paíter. **Revista de Comunicação Científica–RCC**, Juara, v. 1, n. 9, p. 81-92, 2021.